

## DESTERRO - políticas do chão; espécies de espaço

Jan Araújo

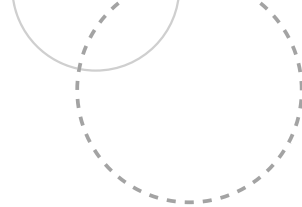
ISSN 2238-0272



VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia  
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016

# #15.ART

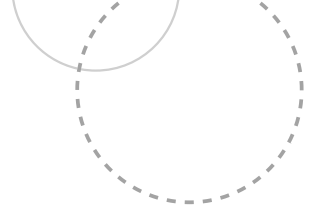
Encontro Internacional de Arte e Tecnologia  
International Meeting of Art and Technology



ISSN 2238-0272



VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia  
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016



(...) a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente na arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir na arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do asinificante, do a-subjetivo e do sem-rostos.”

(Deleuze & Guattari)

Um.  
Eu aterro.  
Dois.  
Aterro.  
Três.  
A terra.  
Três.  
A terra.  
Três.  
A terra.  
Dois.  
Aterro.  
Um.  
Eu aterro.  
Dois.  
Eu te erro.

(Gertrude Stein)

## TOPOS -

As marcas aqui anunciam um caminho. Ar, a visão do chão que se abre, sob impressões maquínicas, sintomática dos usos do espaço. Esse lugar, à beira da selva, ao largo do civilizado, varre um pequeno território de exceção. É um movimento de desterritorialização que, por vezes por vias do chão, busca formas não-canônicas de experimentar a Terra. O corpo da rocha - desde a idade da Pedra - é fundamental nesse deslize inumano para o reconhecimento do tempo geológico e de agenciamentos soterrados pela modernidade. Tal dispêndio anarqueológico desvela uma natureza por fazer.

Sedimentado com as trincheiras, e também junto dos incorporais, caço o incessante devir-outro do sujeito que é matéria. Certa tendência apocalíptica funciona como um dispositivo à ação e ao envolvimento. Reúne agentes indisciplinados sob o pretexto do nome Antropoceno (ou Capitaloceno, Plantationceno...), tragicomédia dos modernos, auto-imunidade da Terra. É ferido, moldado pela linguagem, e com certa melancolia pastoral que se encontra o ser suspenso por seu mau-funcionamento no espaço. Uma ecologia de práticas se faz necessária.

O artista por vezes se faz um semionauta, como indicou Nicolas Bourriaud numa entrevista recente, e na arte de hoje - mais que formas - tem se observado formações (BOURRIAUD; LYKKEBERG, 2016). Supomos que talvez alguns dos esforços das práticas site-specific na arte se projetam em direção à uma autoconsciência territorial, um devir-indígena do espaço.

“Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida (...) É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar um ‘povo’. Ser cidadão, ao contrário, é ser parte de uma ‘população’ controlada (ao mesmo tempo “defendida” e atacada) por um Estado. O indígena olha para baixo, para a Terra a





que é imanente; ele tira sua força do chão. O cidadão olha para cima, para o Espírito encarnado sob a forma de um Estado transcendente; ele recebe seus direitos do alto." (VIVEIROS DE CASTRO, 2016)

## **PORCOS -**

Com o xamanismo enxergamos uma técnica do êxtase, ou uma arte política, tecnologia do fazer política com o cosmos, cosmopolítica. Entre magia e maquinaria, fazemos guerras e alianças trans-específicas, parentesco e territórios. Com equívocos, traduzimos o não-humano ao humano e o traduzimos de volta.

Encontrar a vida onde ela não é vista pela ontologia ocidental é um percurso. Como numa performance recente de Hilan Bensusan, onde sob uma mortalha e enterado pela também filósofa-coveira Benedetta Bisol, o chão fala. Brotando de início a voz diz "Como viver? Como deixar viver? Como deixar de viver?". Ao seu lado um objeto circular - servido sobre um prato - reluz emitindo o risco e o perigo da máquina-Heidegger em língua estrangeira. Cúmplice e ao mesmo tempo apartado do ruído, o chão prossegue: "O conflito da política é como viver, ou como sobreviver. Como viver é também como morrer. E os conflitos são também sobre como morrer. Como, quem e o que fica fora da vida."

Assim como para Anton Vidokle, editor do e-flux, "a mim parece que a arte reside dentro de e entre sujeitos, e sujeitos nem sempre demandam trabalho para ser produzidos" (VIDOKLE, 2016). Digo aqui que o animal não trabalha (sob nenhuma lei), assume o risco. Já os artistas, segundo Rodrigo Naves, "não apenas não fazem o que querem ou não querem o que fazem. Não sabem sequer se fazem" (NAVES, 2007). Certa vez ao descrever como trabalha e encontra os lugares em que realiza suas performances, Ana Mendieta disse "preciso de privacidade, reclamo o território como um cão, urinando no chão" (MENDIETA; MONTANO, 2000). Identifico em alguma performance a potência de uma reanimalização e uma recriação das tecnologias esquecidas do corpo, onde ele é retomado contra uma visão de máquina tecnocrata, racionalista e asséptica. Animais, artistas: cavam buracos no real. Deleuze diz que "constituir um território (...) é quase o nascimento da arte"; as linhas, as cores, os cantos, as posturas, são colocados em seu abecedário como elementos fundamentais de demarcação de território por animais, assim como determinações da arte (DELEUZE; PARNET, 1994).

Cadela 1 exhibe o corpo de uma folha gigantesca,

Cão 1 avalia como viva e a intimida com um barulho gutural.

Cão 2 segue.

Avesso e piso, a vida parece vazar.

(Um corte epistemológico)

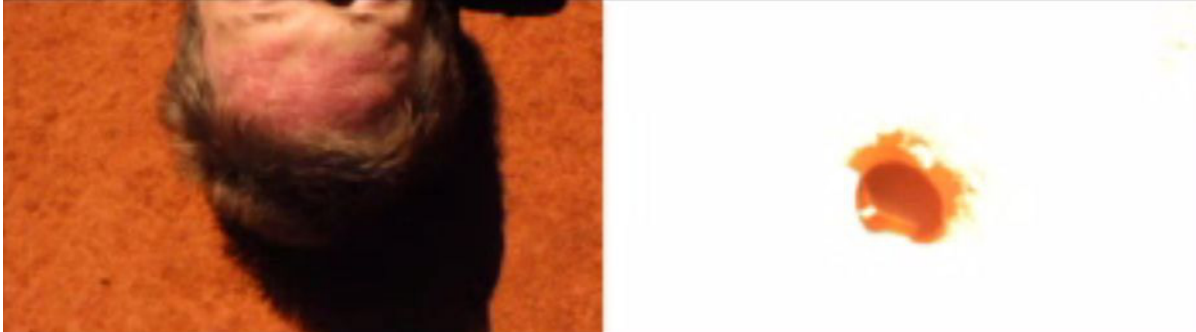
Marcamos o mesmo espaço: a animação de um galho marca uma intrusão abjeta.

## **CORPO -**

Desejamos encontrar vida no inanimado, o inanimado nos corpos. O desejo enforma os corpos, porém não somos imunes aos desejos. A auto-imunidade traz erupções, e o tempo geológico da pele se torna veloz, acelerado. Toda extensão do território que não a ferida se torna estrangeira. Desconheço qualquer raiz, se vem dos intestinos, do plexo solar, do que cabe entre os olhos, de onde dormem os animais, do que lhes constitui um mundo... mas é sempre projétil, ainda que extático, e torna movente. A



habilidade de se criar acidentes e processos de luto em microinstantes constrói um terreno. A abertura de caminhos prossegue em alguns cantos como um trabalho do negativo: permite dar vazão ao que está sufocado no corpo, seja angústia, loucura, dor, morte, vergonha, trauma, sofrimento, o impossível; mas também o desejo, gozo etc.



Muito tem se falado de coisas no mundo contemporâneo, antes por objetos técnicos e dispositivos, hoje também por via do realismo especulativo, pelos novos materialismos ou vitalismos, ontologias orientadas aos objetos, teoria do ator-rede etc. Porém ainda me debato, a princípio, com cães, pássaros, solos, água, e a intensidade da temperatura por aqui. \_\_\_\_\_ Uma ciência dos caminhos se faz necessária para abertura de lugares, diagramas ingênuos com linhas de percepções e meios desse espectro natureza-cultura. O percurso sempre escapa: me exilo no lugar que nunca chega. Debandado, monto um pequeno glossário para afundar e fundar o chão:

**DESTERRO** - Lugar muito calmo ou inabitado\*;

**RUPESTRE** - que nasce sobre rocha

**DÓLMEN** - rocha sobre rocha: sepultura coletiva; também conhecido como anta, orca, arca, e, menos vulgarmente, por pala\*\*

**GEOGLIFO** - sulco ou traço sobre solo

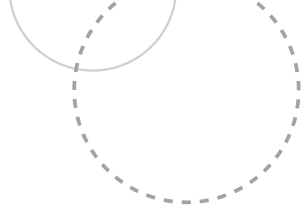
**HIEROGLIFO** - tipo de escrita pictórica, entalhe sagrado\*

**IDADE DA PEDRA** - tempo geológico

**PRÉ-HISTÓRIA** - pre-texto anti-textual

**CAÓTICAS** - visões do caos, semióticas nefelibatas, também esquizoanálise e cartografias autistas

**ÊXTASE** - estar fora, sair; dissolução da identidade



## REFERÊNCIAS

BENSUSAN, Hilan. As Duas Mortes. Performance realizada na 44a. Semana de Filosofia da Universidade de Brasília em Maio de 2016. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i-sEgAzv39s&>

Texto: <http://bucalumbrello.blogspot.com.br/2016/05/duas-mortes-texto.html>

BOURRIAUD, Nicolas; LYKKEBERG, Toke. Interview - Political Commitment is a Beginning, Not an End. *Kunstkríttikk*, 19 de set. 2016. Disponível em: <http://www.kunstkríttikk.com/artikler/political-commitment-is-a-beginning-not-an-end/>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Ano Zero - Rostidade In: *Mil Platôs vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. O Abecedário de Gilles Deleuze. 1994. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>

MENDIETA, Ana; MONTANO, Linda M. Ritual/Death: Ana Mendieta. In: MONTANO, Linda M. *Performance Artists Talking in the Eighties*. Los Angeles: University of California Press, 2000.

NAVES, Rodrigo. Nuno Ramos: um materialismo invulgar In: *O vento e o moinho - Ensaios sobre arte moderna e contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STEIN, Gertrude. Se eu lhe contasse: um retrato acabado de Picasso. *Revista Modo de Usar & Co*. Tradução de Augusto de Campos, 2010. Disponível em: <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2010/04/gertrude-stein-ciclo-critico-primeira.html> Acesso: 11/06/2016

VIDOKLE, Anton. *Arte sem trabalho?*. Zazie Edições, 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os involuntários da pátria. Aula pública durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro, 20/04/2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/25144372/OS\\_INVOLUNT%C3%81RIOS\\_DA\\_P%C3%81TRIA](https://www.academia.edu/25144372/OS_INVOLUNT%C3%81RIOS_DA_P%C3%81TRIA) O que eu descobri sobre o íntimo até agora